

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

MARCAS GRÁFICAS E DESENHO NA INFÂNCIA: LINGUAGEM E CONHECIMENTO SENSÍVEL¹

Simone Martins Dos Santos², Maria Regina Johann³.

¹ projeto de pesquisa realizada no curso de pedagogia da unijuí

² aluna do curso de pedagogia da unijuí

³ professora do Departamento de Humanas e Educação

Introdução. A pesquisa Marcas gráficas e desenho na infância: Linguagem e conhecimento sensível aborda as marcas gráficas e o desenho infantil como uma linguagem expressiva que as crianças desenvolvem muito antes da escrita. Assim, partimos da ideia de que as crianças delas se utilizam para diversas finalidades, entre elas, manifestar sua compreensão das coisas e sua relação lúdica com seu entorno. Porém, o desenho também se configura como um elemento expressivo através do qual podemos observar o que a criança conhece, o que conceitua e imagina acerca de sua condição no mundo. Por isso, intencionamos arguir que a educação escolar necessita levar em consideração esse aspectos e considerar as marcas gráficas, os desenhos e as pinturas da criança como uma linguagem expressiva e um modo específico de manifestar conhecimentos uma vez que ao desenhar, ela pode se expressar livremente, inventando histórias, brincando com linhas, formas, texturas e cores, isso por que “[...] o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala” (MOREIRA, 1984, p.20). A partir dessa noção, nos valem de Ferreira (1998) para tratar do desenho infantil como uma forma de manifestação de conhecimentos na medida em que a criança narra sua ideia e permite à professora saber quais conceitos e noções simbólicas a criança possui acerca de sua realidade, pois tomamos o desenho como uma realidade figurada. Esse tema se justifica na medida em que a professora da Educação Infantil terá o desenho como uma das suas mais importantes linguagens na iniciação da criança na vida escolar. Por isso, colocou-se a necessidade de ampliar a compreensão acerca do desenho como linguagem expressiva e conhecimento sensível no âmbito da Educação Infantil.

Metodologia. Esta pesquisa é um recorte de um trabalho de conclusão de curso (TCC), desenvolvido no curso de Pedagogia. A mesma tem uma natureza teórica, ao modo de uma revisão bibliográfica e está estruturada, especialmente, a partir do seguinte referencial: Sueli Ferreira (1998), Edith Derdyk (1990), Maria Heloísa Ferraz (2009), Letícia Vianna (2012), Ana Angélica Albano (2013) e Luciana Esmeralda Ostetto (2012). A partir deste referencial buscamos compreender as marcas gráficas produzidas pelas crianças (garatujas, desenhos, pinturas), como linguagens e conhecimento.

3. Resultados e Discussão. Quando a criança desenha, pinta ou marca uma superfície, ela desenvolve mais do que conhecimentos intelectuais, desenvolve também, a corporeidade e a capacidade de imaginar e narrar. Isso por que ela lida com uma manifestação plástica e estética que lhe permite exprimir nuances de seu pensar que, muitas vezes, a linguagem falada não possibilita. Na infância, geralmente fala e desenho se fundem, se complementam, permitindo ao outro (adulto ou professora) um momento rico para perceber sobre o que a criança está pensando, imaginando, desejando ou, inclusive, omitindo. Essa relação entre marcar, desenhar e falar permite observar o

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

que a criança sabe em relação a um determinado objeto ou contexto. Na relação com o outro a criança aprende. O desenho do “outro” pode impulsionar o seu desenho ou vice versa e, assim, a fala de um impulsiona a do outro. Nessa inter-relação vão se transformando movimentos em figuras que vão sendo compartilhadas, enriquecendo o repertório e imaginário das próprias crianças. Nesse horizonte podemos afirmar que à criança desenha pelo prazer do gesto e pela necessidade de exploração de materiais e suportes, por deixar sua marca num papel ou superfície qualquer. Mesmo que esses registros sejam rabiscos, eles podem ter algum significado para a criança e, quando o adulto insistir no significado, ela poderá nomeá-lo conforme o contexto do desenho, ou seja, de acordo com o que está imaginando ou brincando. Essa linguagem ou comunicação que ela exercita, influenciada pelo real e, também pela imaginação vai acontecendo conjuntamente com seu desenvolvimento afetivo, motor, cognitivo e social, pois é a partir desses âmbitos e vivências que a criança vai articulando o conhecimento da realidade com o seu universo simbólico. Nesse horizonte, Ferraz (2009, p.87) observa que “Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, faz parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida”. Por contemplar tais aspectos, a arte possibilita à criança várias situações que desenvolvem sua autoestima e seus sentimentos, além de um saber específico de linguagens artísticas. Também, permite o desenvolvimento de habilidades para representar e inventar, assim, a arte estimula um pensamento mais flexível e criativo e, por isso, para a criança ampliar seus desenhos são necessárias referências, estímulos e materiais diversificados, assim como, uma proposta coerente com objetivos de ensino em consonância com a etapa da educação escolar. A vivência com as linguagens das artes pode fazer com que a criança se expresse de modo mais poético e criativo, pois a arte amplia seu repertório e suas ideias, uma vez que as artes são linguagens enriquecidas de mundo, uma forma diferente de conhecer e interpretar seu universo. Nesse horizonte Ferreira (2002) entende que as artes fazem parte do nosso patrimônio cultural e que as escolas devem priorizar mais a arte, pois as culturas precisam ser compreendidas, são elas que nos tecem como sujeitos e nos permitem enriquecer os vínculos entre nós, humanos, e nosso contexto social. Ao desenhar, marcar e pintar, as crianças estão experimentando o prazer de suas produções, assim, ela desenha entre tantas outras coisas para brincar, um jogo no qual o parceiro é o próprio desenho, assim a criança é dona de suas próprias marcas. A criança ao realizar uma atividade artística já sabe que tem que ter decisões para criar, irá desenvolver suas percepções do imaginar com o que a professora propôs, no entanto, o objetivo da educação é tornar a criança capaz de autoria, a partir de uma proposta que lhe dê subsídios para tal. Isto, muitas vezes não acontece nas aulas da Educação Infantil, por que muitas professoras têm o entendimento de que deve apresentar um modelo padronizado, inspirado nos artefatos culturais da infância como os livros didáticos, livros de literatura, os personagens infantis da moda ou os estereótipos da tradição escolar (figuras de animais, de meninas e meninos, entre outros). Nesse caso, geralmente é a própria professora quem escolhe o que é para criança desenhando, sem considerar o que ela quer ou necessita expressar e representar. É como se a professora suspeitasse da própria capacidade da criança em ser autora de seu desenho, mas ela é autora é no desenho a criança faz uma representação da realidade, imprime nele percepções, ideias, observações e seus sentimentos. Assim, para Sueli Ferreira (1998, p.33) “[...] a criança depende de sua memória. Seu desenho é produto de seu pensamento. Logo, a criança precisa de memória para desenhando. Ela pensa lembrando e desenha pensando. Na idade pré-escolar, a criança pensa recordando e apoia-se em suas experiências anteriores para isso”. Quanto mais a criança interage

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

com o meio, mais ela perceberá a realidade e aumentará sua capacidade de transmiti-la. O desenho representa a forma como a criança vê o mundo, a qualidade de possibilidades de desenhar é que garantirão que ela seja estimulada e instigada a desenhar cada vez mais, aprimorando e desenvolvendo essa linguagem. Assumimos, a partir dessa noção, de que cabe à professora e à comunidade escolar o compromisso ético de propor um ensino que vise o respeito pela especificidade dos processos de aquisição e ampliação do desenho, como uma prática que visa o cultivo e a ampliação da linguagem do desenho como um percurso de identidade pessoal. Isso por que quando vemos um determinado desenho podemos dar a ele um significado por que somos leitores e intérpretes com horizontes culturais próprios. O mesmo desenho também poderá assumir traduções diferentes pela criança, em situações ou contextos distintos, uma vez que entre ela e seus desenhos há uma espécie de jogo. Quando vemos um determinado desenho podemos dar a ele um significado por que somos leitores e intérpretes com horizontes culturais próprios. A criança também lança um olhar imaginativo, lúdico e fabulador sobre o que vê. Assim, ela já imagina onde está, com quem está, nomeia os personagens e lhe dá um contexto, por exemplo. Brinca, ou seja, joga com seu próprio desenho. Isso que a criança manifesta ao modo de desenho, pintura, modelagem e, ainda, através do diálogo é denominada por Ferreira (1998) de realidade conceituada, ou seja, seria o modo específico de como a criança conceitua e traduz o que sabe, o que conhece e imagina sobre uma determinada situação ou questão, ou seja, “[...] é essa a realidade percebida. A figuração da criança mostra que as coisas estão representadas no desenho de forma significativa e com sentido expresso” (Ibidem, p.30). Podemos exemplificar isso com um desenho de uma casa na qual a criança mostra tudo o que sabe ou conhece da mesma e, ainda, acrescenta o que imagina ou gostaria que nela tivesse. Ao desenhar a casa na escola, a criança não está diante de sua casa para observá-la, mas, sim, na circunstância de fazê-la de memória. Nesse caso será importante a mediação da professora ao conduzir a tarefa, ajudando a criança a descrever sua casa, contar como é, dizer quem mora nela, enfim, reavivar sua lembrança. Constatamos que nesses casos, a criança desenha a casa com transparência entre o lado externo e interno, ou seja, ela mostra tudo o que há na casa. Assim, o ensino necessita proporcionar à criança um tempo/espaço de ampliação e enriquecimento de suas referências simbólicas e culturais que irão se traduzir em conhecimento próprio. Nesse horizonte, imaginação e realidade se complementam, por que a imaginação enriquece a realidade, e a realidade, por sua vez, permite à imaginação a percepção da capacidade inventiva do humano.

4. Conclusão. A partir desta pesquisa de TCC, reflito sobre minhas aprendizagens como professora de Educação Infantil. Entendi que os desenhos são realizações de autoria própria da criança, por isso é possível conhecê-los. Quando observei atentamente as produções de meus alunos, comecei a compreendê-las em suas práticas e lógicas infantis e percebi que a uma diferença a partir do contexto e condições de criação. Nos desenhos pude constatar as singularidades e diferenças das crianças, as marcas de classe sociais, de gênero, étnicas, entre outras. É nessa fase que a criança tem um mundo todo para descobrir, por esse motivo tenho dado mais voz para as crianças, uma vez que entendi que é através dos questionamentos e as observações que consigo compreender melhor sua realidade e sua visão das coisas. A pesquisa me despertou um interesse maior na parte das técnicas de pinturas, desenhos e texturas com materiais diferentes, pois a criança tem que se descobrir e ampliar seus movimentos e gestos através de diferentes procedimentos e suportes de criação nas diversas atividades que a elas propomos.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

5. Palavras-chave: Infância; Desenvolvimento; Expressividade; Professora; Educação Infantil.

6. Agradecimentos: Agradeço às professoras Eulália Beschorner Marin, Maria Regina Johann pela dedicação de me acompanhar nessa jornada desde o início do semestre. Ao Departamento de Humanidades e Educação e ao Curso de Pedagogia.

7. Referências bibliográficas –

ALBANO, Ana Angélica. O espaço do desenho: a educação do educador. 16ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

DERDIK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione Ltda, 1990.

FERRAZ, Maria Heloísa. Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proporções. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e linguagem no desenho da criança. Campinas, São Paulo: Papirus. (Coleção Papirus educação), 1998.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Infância e formação de professores: autoria e transgressão. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus (Coleção Ágere), 2012.

VIANNA, Maria Letícia. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou desnecessário acabar com este mal? São Paulo, 2012.

Disponível: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69343&>. Acesso: Abril, 2016.